

**MARIA GEONICE HASS**

**O LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO  
NO PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM  
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

**PONTAL DO PARANÁ**

**2005**

**MARIA GEONICE HASS**

**O LÚDICO COMO RECURSO PEDAGÓGICO  
NO PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM  
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS**

**Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de especialista no Curso de Pós-Graduação em Educação Especial/ Inclusão, realizado pela Universidade Federal do Paraná e Centro de Educação a Distância de Pontal do Paraná.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Mestre Márcia Ramos de Sá Guimarães**

**Co – orientadora: Prof<sup>a</sup>. Naura Nanci Muniz Santos**

**PONTAL DO PARANÁ**

**2005**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu esposo Pedro Luiz, pelo carinho, incentivo e compreensão nesta caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida, pela luz da fé, pelo saber, pelo sentimento de renovação  
Que nos anima a sermos fiéis ao serviço da Educação.

Às professoras Márcia e Naura, que pelos esclarecimentos, orientação, contribuiu  
para a realização deste trabalho.

Aos professores do Curso de Pós – Graduação, pela nova visão educacional.

Aos educadores...  
que acreditam que ainda há tempo e  
chance de mudar...  
que a educação só pode ser  
transformada por aqueles que crêem e  
que sonham por um mundo melhor:  
" Aí de nós daqueles que pararem com  
suas capacidades de sonhar, de inventar  
a sua coragem denunciar e anunciar.  
Aí daqueles e daquelas que em lugar de  
visitar de vez em quando o futuro, pelo  
profundo engajamento com o hoje, com  
o aqui e agora, aí daqueles que, em  
lugar desta viagem constante ao  
amanhã se atrelarem a um passado de  
exploração e de rotina." (PAULO  
FREIRE, 1979, p. 34)

## RESUMO

Os novos paradigmas educacionais requerem novas metodologias, novas propostas e novos pensamentos a cerca do trabalho pedagógico, isso se efetiva quando é pensado numa nova proposta de ensino com vistas a uma educação integral e, sobretudo, inclusiva, a partir da qual ocorram inúmeras e efetivas trocas entre professor/aluno e principalmente aluno/aluno, o que efetivamente, ocasionará uma aprendizagem concreta e realmente significativa. Isto será realizado no decorrer do processo de aprendizagem, quando os alunos estarão dispostos de todos os recursos a eles ofertados, recursos estes, apresentados por meio do Lúdico, que oferecerá uma base sólida para o aprendizado, tornando-o um momento prazeroso no qual eles são levados a constantes interações, trocas, formulações de estratégias próprias, questionamentos e dúvidas. Além de toda a preocupação com o encaminhamento metodológico por meio do lúdico com recurso facilitador do processo ensino – aprendizagem de crianças portadoras necessidades especiais, há também a preocupação em esclarecer alguns pontos referentes à Educação Inclusiva no Brasil, como ocorre e sob quais aspectos legais ela está pautada. O estudo busca com isto, compreender questões ainda permeadas de certos questionamentos por parte dos professores que ainda não entendem as inúmeras possibilidades de trabalho existentes no que se refere à criança portadora de necessidades educativas especiais e, com isto, apresentar propostas de trabalho que desenvolvem a aprendizagem de forma satisfatória e coerente com as necessidades apresentadas. Os resultados aqui apresentados, em relação à pesquisa bibliográfica, foram muito significativos, demonstrando assim, a possibilidade de um trabalho voltado ao real aprender por meio da utilização do lúdico enquanto recurso pedagógico para determinado fim, neste apresentado.

Palavras – chaves: lúdico, aprendizagem, inclusão

## ABSTRACT

The new educational paradigms require new methodologies, new proposals and new thoughts about the pedagogical work, this is effective when it is thought about new a proposal of education with sights to an integral education e, over all, inclusive, from which occur innumerable and effective exchanges between teacher/ student and mainly student/student, what effectively, will cause a concrete and really significant learning. This will be carried through in elapsing of the learning process, when the pupils will be making use of all the resources offered they, resources these, presented by means of Playful, that it will offer a solid base for the learning, becoming it a pleasant moment in which they are taken the constant interactions, exchanges, formularizations of proper strategies, questionings and doubts. Beyond all the concern with the methodologies guiding by means of playful with make easy resource of the process education - learning of special carrying children necessities, also has the concern in clarifying some referring points to the Inclusive Education in Brazil, as it occurs and under which legal aspects it is stave. The study it searches with this, to understand still permeate questions of certain questionings on the part of the teachers who still do not understand the innumerable possibilities of work existing in that if he relates to the carrying child of special educative necessities e, with this, to present work proposals that they develop the learning of satisfactory and coherent form with the presented necessities. The results presented here, in relation to the bibliographical research, had been very significant, thus demonstrating, the possibility of a work directed to the reality to learn by means of the use of the playful one while pedagogical resource toward determined end, in this presented.

Words- keys: play, learning, inclusion

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>CAPÍTULO I – DESENVOLVIMENTO INFANTIL</b> .....	7
<b>CAPÍTULO II – A CRIANÇA E A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM</b> .....	10
<b>CAPÍTULO III – O PAPEL DO PROFESSOR NESTE PROCESSO</b> .....	12
<b>3.1 Relação professor – aluno com dificuldade de aprendizagem</b> .....	15
<b>CAPÍTULO IV – APRENDIZAGEM LÚDICA</b> .....	17
<b>CAPÍTULO V – O LÚDICO</b> .....	19
<b>5.1 Revisão histórica</b> .....	19
<b>5.2 O Brincar e o brinquedo</b> .....	20
<b>5.3 A função pedagógica do brinquedo</b> .....	21
<b>5.3.1 Construindo o conhecimento por meio do brincar</b> .....	22
<b>5.4 Brinquedo funcional ou experimental</b> .....	26
<b>5.5. Brinquedo de ficção, de ilusão ou simbólicos</b> .....	26
<b>5.6 Brinquedo de representação de papéis e de construção</b> .....	26
<b>5.7 Brinquedo com outros e com regras</b> .....	27
<b>CAPÍTULO VI – O LÚDICO FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM</b> ..	28
<b>CAPÍTULO VII – EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL</b> .....	31
<b>7.1 O processo de inclusão</b> .....	32
<b>7.2. A inclusão na Lei</b> .....	35
<b>REFLEXÕES CONCLUSIVAS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## 1. INTRODUÇÃO

A única educação válida na escola é aquela que possibilita a todos os alunos o conhecimento, a compreensão e o respeito. Desenvolver um modelo educativo que proporcione a cada criança a ajuda pedagógica necessária às suas condições individuais, experiências e realidade, uma vez que a diversidade dos alunos é inerente ao desenvolvimento humano, assim deverá, a educação escolar assegurar um equilíbrio entre a complexidade do currículo e a diversidade dos alunos.

Dessa forma, para se trabalhar com alunos portadores de necessidades educativas especiais é preciso que se observe a heterogeneidade da turma.

O ARTIGO 7 DE 20/11/1959 da Declaração dos Direitos da Criança traz o brincar como um direito de todas as crianças. Assim, a escola como um espaço de formação integral onde o aluno passa a maior parte do seu tempo, deve desenvolver um trabalho que possibilite a vivência deste direito.

A idéia de construir o conhecimento por meio de jogos e brincadeiras, ou seja, pelo lúdico, não é nova, muitos autores já vêm discutindo sobre isso. Mas a realidade do ensino brasileiro infelizmente não inclui a vivência desta prática pela sociedade, pais e professores. Sendo assim estes não se encontram preparados para compreender a importância do lúdico na formação da criança, dificultando e menosprezando este trabalho na escola.

Muitos professores se vêm tendo que desenvolver um trabalho com alunos com necessidades educativas especiais (alunos estes, inclusos no ensino regular) e por falta de informação adequada não sabem lidar com tais crianças, já que tudo que sabem diz respeito às suas limitações e nada de concreto se utiliza a fim de desenvolver a aprendizagem, principalmente no que diz respeito ao lúdico.

Considerando esta realidade, a referida Monografia tem o objetivo de apresentar o lúdico como proposta de trabalho com o intuito de efetivar a alfabetização da criança, principalmente portadora de necessidades educativas especiais.

Para auxiliar o desenvolvimento das potencialidades da criança, deve-se lançar mão de diversas técnicas, métodos e recursos. Por acreditar que brincadeira é coisa séria, é que são apresentadas algumas idéias fundamentais sobre a criança, o brinquedo, os jogos e sua organização.

São levantados também aspectos relativos a inclusão no processo educacional brasileiro, bem como alguns fatores referentes á sua legalização.

## CAPÍTULO I - DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Atualmente a criança, portadora de necessidades especiais ou não, têm ido para a escola mais cedo, ou seja, cada vez mais, as crianças deixam o convívio integral com a família de lado, para que estas possam se adequar a sociedade no sentido de manter um padrão de vida capaz de dar condições a estas crianças de, no mínimo freqüentarem a escola.

E é neste “ir para a escola” mais cedo, que se deve ter claro suas fases de desenvolvimento bem como suas necessidades decorrentes da mesma, pois nos seus primeiros anos de vida, o ser humano mostra-se totalmente dependente, não só em relação aos aspectos físicos, mas também quanto aos inerentes a sua sensibilidade e inteligência, o que requer uma preocupação constante não só com sua saúde física, mas também com a saúde emocional, zelando pela qualidade de tudo àquilo que estiver á sua volta, como alimento e as oportunidades oferecidas para desenvolver suas potencialidades.

Com isto percebe-se que o desenvolvimento se dá de forma cumulativa, na qual o indivíduo agrega todas as experiências pelas quais passa, sendo que estas são as que mais influenciarão nos seu comportamento posterior.

As formas de brincar das crianças mudam em função das diferentes etapas de desenvolvimento na qual se encontram, seguindo com isto, uma seqüência que está evidente nos estágios formalizados por Piaget:

- Primeiro Estágio: Período sensório-motor (0 a 2 anos) Este período compreende as ações ou reflexos das crianças desde os primeiros meses de vida até o início das representações mentais, que são o indício do pensamento infantil. Neste período, a criança se apropria das informações por meio dos órgãos do sentido e suas respostas são caracterizadas por ações motoras que, com o decorrer da maturação, serão aperfeiçoadas.

Faz-se necessário neste período, a constante estimulação: visual, auditiva e tátil, ou seja, que tenha uma grande variedade de objetos para manipular, de possibilidades para se movimentar, etc.

Com o passar dos meses, seus movimentos passarão a acontecer de acordo com o movimento dos olhos, pois tentará pegar aquilo que ouve, e ao pegá-los, agarra-os e levá-os à boca. Mais tarde será capaz de usar a própria fala para demonstrar seus interesses e representar acontecimento.

Em relação a questões afetivo-emocionais, a criança, neste período, adquire o sentimento de confiança básica. No início da vida, a criança é totalmente dependente da figura que se caracteriza como materna, pois é ela que atenderá suas necessidades básicas. Inicialmente serão as necessidades biológicas, depois afetivas. Para a criança neste estágio, a mãe simboliza o mundo e é a partir desta relação que a criança começará a explorar seu meio com maior segurança e eficácia.

- Segundo Estágio: Período pré – operacional (2 aos 6/7 anos) Este período a criança desenvolve o pensamento, e a ação mental ocorre antes de sua ação. Inicia-se neste período, o chamado jogo simbólico ou faz-de-conta, no qual um objeto vira outro. Neste tipo de atividade, a criança dá significados pessoais a tudo que realiza e com o que tem contato, ou seja, quase tudo o que observa em seu cotidiano é representado posteriormente em suas brincadeiras.

Neste estágio, há uma verdadeira explosão lingüística, pois a criança que, por volta dos dois anos, possui um vocabulário de aproximadamente 270 palavras, por volta dos três já fala cerca de 1.000 palavras; provavelmente compreende outras 2.000 ou 3.000 e já forma sentenças bastante complexas.

Nesta fase ainda, há o aparecimento do egocentrismo, definido como a incapacidade de se colocar no ponto de vista de outrem. Na teoria de Piaget, egocentrismo não é um termo pejorativo, é um modo característico do pensamento. De modo geral, as crianças pequenas são incapazes de aceitar as idéias e opiniões de outras crianças, quando diferentes das delas. Mais tarde, as aproximações ocorrem como interesse pelo brinquedo do outro; compartilhar é difícil, contudo, com a presença de um adulto, começam as primeiras atividades em grupo. A criança então, aprende a esperar a vez de dividir o brinquedo, obedecer regras que, a princípio são colocadas pelos adultos. Ao final deste período, ela já brinca em grupos, em atividades cooperativas, com regras estabelecidas pelas próprias crianças.

- Terceiro Estágio: Período das operações concretas (7 aos 11/12 anos) Neste período o pensamento infantil sofre grandes alterações. A lógica passa a operar, e fatos e fenômenos já experimentados são relacionados. A criança, neste período, faz combinações mentais de fatos observados, predizer resultados.

O faz-de-conta e a imaginação ainda existem neste estágio, porém, agora, separados do real e o do objetivo.

Neste estágio. A criança inicia sua escolarização mais regular, a qual iniciará de fato, com a alfabetização, a leitura e a escrita de forma mais sistemática.

Há a observação da natureza e de sistemas de montagem simples. Ela gosta de ajudar e mostra-se pronta para isto. Sua independência em relação ao adulto aumenta.

A criança começa a compreender ainda, os termos de relação, como maior, menor, direita, esquerda, mais alto, mais largo, etc. No entanto, a criança ainda não pensa em termos abstratos, nem raciocina a respeito de proposições verbais ou hipotéticas. Assim, experimenta dificuldade com os problemas verbais.

- Quarto Estágio: Operações formais (após os 12 anos) Nessa fase o pensamento já não depende da manipulação de objetos concretos. As operações lógicas são realizadas entre as idéias, expressas numa linguagem qualquer (palavras ou símbolos), sem a necessidade da percepção e da manipulação da realidade.

O pensamento é, portanto, hipotético – dedutível, ou seja, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses e não somente por meio da observação do real.

## CAPÍTULO II – A CRIANÇA COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Muitos são os conceitos que se apresentam em relação à criança com dificuldades de aprendizagem, porém, há uma diversidade muito ampla de características que podem ser ou não identificadas como necessidades educativas especiais.

Necessidades especiais podem ser consideradas como exigências de um indivíduo em decorrência da falta ou da privação de condições orgânicas ou psicológicas, estruturais ou funcionais, que se manifestam no cotidiano. (CARVALHO, 1998, P. 130)

As referidas necessidades educacionais podem ser identificadas em diversas situações que ocorrem no cotidiano escolar, como consequência de condições individuais orgânicas, mentais, econômicas ou socioculturais dos alunos.

- crianças trabalhadoras ou que vivem nas ruas, sem o auxílio de familiares;
- crianças com deficiências e bem dotadas;
- crianças com condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e sensoriais diferenciadas.
- crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais;
- crianças de grupos sociais desfavorecidos ou marginalizados;
- crianças de populações distantes ou nômades;

A expressão “necessidades educacionais especiais” pode ainda ser utilizada para denominar crianças e jovens que apresentam necessidades decorrentes de sua elevada capacidade ou de dificuldade para aprender. Está associado, portanto, a dificuldade de aprendizagem, não necessariamente com estreita relação à deficiência.

Isso demonstra que uma simples definição do que venha a ser uma criança com dificuldade de aprendizagem, não é suficiente para análise do todo que permeia a inclusão do ensino regular. É preciso antes de tudo, ter em mente, a necessidade específica desta criança, entre as várias que se apresentam dentro de uma sala de aula regular.

A idéia fundamental da definição e da classificação... deve levar em consideração que se classificam comportamentos e não crianças. (...) Todos sabemos o perigo que constitui a “rotulagem e a ” etiquetagem ” de crianças no que respeita à diminuição de expectativas. Em nenhuma circunstancia o diagnóstico se deve afastar do pensamento educacional, que lhe dá

sentido e coerência. Só nesta base se pode perspectivar a modificação de práticas educacionais. (FONSECA, 1995, P. 26-27)

De certa maneira, ao se fazer uma análise do que vêm a ser as necessidades especiais, é necessário, sobretudo fazer uma análise de forma geral da pessoal, bem como da sociedade e o meio onde vive. Sendo assim, é importante ressaltar que o conceito de necessidade especiais é muito abrangente e não pode ser analisado de uma forma linear, mas sim, contextualizada.

No que se refere ao conceito de necessidade educativas especiais, pode se ver de imediato que se refere ao processo educativo, seja ele formal ou informal, sistemático ou assistemático.

Sob o ponto de vista tradicional, os educando com necessidades educativas especiais são aqueles que necessitam participar de uma classe especiais, ou seja, uma sala que comporte alunos com necessidades especiais ou condutas típicas.

Mas na verdade, conforme afirma CARVALHO (1998, p. 130) " (...) convém descolar a reflexão do aluno com necessidades educacionais especiais e conduzi-la para respostas educativas da escola, com a determinação de promover uma educação de qualidade para e com todos".

Isso implica em reportar o aluno, à ambientes onde estejam presentes outros alunos com os quais possam se sentir integrados e acima de tudo, incluídos num sistema educacional com vistas à sua problemática, que saiba trabalhar de forma completa esta inclusão, levando-o a uma aprendizagem significativa e contextualizada.

### CAPÍTULO III - O PAPEL DO PROFESSOR NESTE PROCESSO

Neste processo de inclusão, de valorização do aluno com dificuldades de aprendizagem, o professor precisa compreender a riqueza de possibilidades do ser humano. Estar atento ao desenvolvimento de cada criança e estar aberto às diversas possibilidades e modalidades de aprendizagem é o compromisso primeiro do professor. Mais importante do que saber se é o desenvolvimento ou aprendizagem que ocorre primeiro, é entender que são processos intimamente comprometidos e que estão sujeitos à ação de outro ser humano para serem acionados. Esta característica puramente humana envolve, ainda, processos relacionais de qualidade, em que não basta estimular o desenvolvimento e a aprendizagem, mas principalmente, dar significado a estes processos. Dignificar a criança em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem é considerar a relação afetiva, o ritmo e suas descobertas sem a subestima de suas capacidades e estimular as interações desta com o meio em que vive.

Inquietude e curiosidade devem estar presentes na conduta do professor, para que este se torne cada vez mais atento e enriquecido no ato de educar, a ponto de perceber as evidências que fundamentam a ação educativa e independência na criança.

O professor, ora voltado ao trabalho da inclusão, da adaptação do aluno portador de necessidades educativas especiais, utilizando como recurso pedagógico o lúdico compreendido no jogo e no brinquedo, deve favorecer a troca entre os educandos, pois a partir da heterogeneidade presente em sua sala, o processo educativo tende a ser ainda mais valorizado, mais criativo e dinâmico, visto que esta relação de troca e interação, permite que todos os alunos recebam e dêem todas as suas informações sobre determinado assunto em questão, contribuindo assim, ainda mais para o crescimento intelectual de seu colega.

A partir de trocas diferenciadas e significativas, a criança ampliará suas chances de se apropriar com mais qualidade do saber sistematizado. Sobre esse assunto, concorda-se com BONETI (1999, p. 2) quando diz que:

A pedagogia da inclusão não só aceita, mas valoriza a diferença porque entende que é na diferença que crescemos, nos afirmamos e nos constituímos como sujeitos. Na pedagogia da inclusão, a aprendizagem cooperativa emerge em detrimento a competição, porque se privilegia o espaço coletivo da aprendizagem.

Os professores, ao trabalharem em salas de aula em que seja constatada a inclusão, devem estar atentas a algumas questões necessárias para um bom atendimento à estas crianças, tendo em vista, que deverão levar em consideração todos os fatores que venham de encontro à sua preocupação em realmente colaborar para o efetivo aprendizado destas crianças. Os professores devem, de um modo geral estar abertos a apropriação de métodos e técnicas que acreditem ser um diferencial para este trabalho. A esse respeito, GINÉ e RUIZ (IN COLL, PALACIOS E MARCHESI, 1995, P. 304) nos diz que o professor que trabalha com crianças com necessidade educativas especiais deve

preparar diferentes materiais; organizar a classe de forma que seja possível aprender com diferentes ritmos e de diferentes maneiras, predispondo-se a flexibilizar seu tratamento com os alunos e a captar a melhor maneira de comunicar-se com cada um deles, para ajustar e modificar sua intervenção facilitadora da aprendizagem e do crescimento pessoal.

Deve existir por parte do professor, essa possibilidade de adequações na classe, com o intuito de conhecer as relações entre as condições de sua sala de aula e a sua intervenção, assim como os fatores que influenciam na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

O trabalho, respeitando os ritmos diferenciados dos alunos, pode realmente dar grandes contribuições na aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades.

Outro fator de grande importância diz respeito ao aspecto da afetividade e proximidade com o aluno como importante no processo de aprendizagem, visto que o fato de se trabalhar com propostas adequadas permite ao professor, dar maior atenção e, com isto, conhecer mais a fundo algumas questões pertinentes aos alunos que poderão lhe auxiliar no desenvolver de suas aulas.

Outro aspecto a se considerar é o fato de que, na medida em que o professor se aproxima mais dos alunos, desenvolve intimidade com eles, começa a perceber também que eles não são tão incapazes quanto se pensa, que cada um tem potencialidades e possibilidades de aprendizagem. Esse aspecto leva o professor a investir na criança, até pela própria expectativa depositada nela.

Desta forma percebe-se que o professor tem um papel de fundamental importância no desenvolvimento desta criança, pois possibilitando a interação por

meio das mais diversas atividades, estará promovendo, acima de tudo, um efetivo aprendizado, coerente com as possibilidades de cada educando.

Levando em conta estas questões, o professor, deve além de todos os outros fatores já apresentados, adotar alguns procedimentos específicos, tais como:

- respeitar a individualidade da criança;
- reconhecer as limitações do aluno;
- não criar situações constrangedoras para os alunos;
- estimular o aluno;
- aceitar a criança e demonstrar carinho;
- ensinar as partes mais fáceis sempre em primeiro lugar;
- ensinar uma parte de cada vez, passando para a seguinte somente após a criança demonstrar domínio da anterior;
- associar partes das atividades á coisas que sejam agradáveis á criança;
- elogiar sempre a criança, a cada item aprendido;
- manter a paciência e um comportamento uniforme no decorrer do trabalho;
- nunca comparar a criança com outras no momento da avaliação;
- não exigir da criança um rendimento que lê não pode oferecer;

É necessário ao professor, paciência e dedicação. Estas duas qualidades reunidas dão bons resultados na aprendizagem da criança, pois ela se sentirá mais segura e confiável durante o processo.

Com base neste princípio de segurança e confiabilidade, o professor, de fato comprometido com uma educação igualitária e de qualidade, deve:

- procurar formas nas quais os alunos manifestem seus interesses pelo aprendizado, nunca levando em contas as rotulações;
- identifica e trabalha com as práticas em sala de aula que promovam uma melhor aprendizado de seu aluno;
- organiza práticas que propiciem a interação entre os alunos, como atividades lúdicas, nas quais solucionem conjuntamente suas dificuldades;
- acredita que todos os seus educandos podem desenvolver habilidades para o aprendizado;
- estimula que pessoas importantes na vida dos alunos, tenham contato e apóiem seu processo educacional;

- é flexível nos métodos de avaliação, pois compreende que as avaliações formais, inibem o educando;

### **3.1 Relação professor – aluno com dificuldade de aprendizagem**

Várias são as formas de manifestações de dificuldades de aprendizagem, segundo FONSECA em ARAUJO (1995, p.45) entre elas: problemas cognitivos, perceptivos, emocionais, psicolingüísticos, psicomotores e de memória. Por vezes, estas manifestações podem aparecer de uma só vez, em conjunto, ou então isoladamente, acarretando com isto, as dificuldades de aprendizagem.

O professor, diante de tais origens e manifestações de dificuldades de aprendizagem, sem um conhecimento prévio da questão, acaba por acreditar que o responsável por tal situação é a própria criança, que não compreendeu corretamente o sistema educacional do qual faz parte. Desta forma, esta criança fica à margem do processo, enquanto vê seus colegas da sala alcançarem o chamado “conhecimento” e recebendo as congratulações por isto.

Deve-se ressaltar que há um processo, denominado ensino – aprendizado, no qual há interação entre professor e aluno, interação esta, que deve ocorrer da melhor forma possível, principalmente por meio de aspectos lúdicos.

ARAUJO (1995, P. 56) aponta ainda, para a grande importância dos educadores estarem atentos a questão referente aos aspectos emocionais da relação professor – aluno, pois afeto, emoção e desejo estão relacionados com a inteligência e vice-versa e nos casos de crianças com dificuldades de aprendizagem estes fatores têm suma importância.

A relação professor –aluno precisa ser vista como um processo dinâmico, onde haja a participação ativa na construção do conhecimento, organizando juntos as estruturas e seus significados no decorrer do aprendizado. Assim, percebe-se que está na relação, e não nos sujeitos, uma das possibilidades de apoio à criança com dificuldades de aprendizagem.

Mais do que estar atento unicamente á transmissão de informações, o professor deve buscar construir o conhecimento com seus alunos, respeitando as diferenças que estes apresentam, sejam elas de origem individuais ou culturais. pois, com esta preocupação e real interação entre estes dois sujeitos, surgem aspectos muito importantes, como o respeito mútuo e a amizade, características de

fundamental importância para que haja uma troca sadia e realmente satisfatória entre eles.

## CAPÍTULO IV - APRENDIZAGEM LÚDICA

O lúdico, entendido aqui, como brinquedos e jogos proporcionam de modo efetivo o aprender por meio do fazer, pois ao manipular um brinquedo, ao interagir no jogo, ao criar e obedecer a regras, a criança estará participando de modo ativo e, esta participação estará lhe exigindo diferentes níveis de concentração e raciocínio, portanto, aprendendo e desenvolvendo diferentes potencialidades, a atividade lúdica é também apoiada por psicólogos ( WEILER & MACCALL. 1976 apud ROSA E NISIO 2001, p. 39 ) que afirmam que

O brinquedo consiste em comportamentos ou seqüências comportamentais mais dominadas pelo organismo do que pelos estímulos, comportamentos esses que parecem ser intrinsecamente mais motivados e realizados pelo seu próprio objetivo, e são vividos com relativo relaxamento e afeto positivo.

As situações problema envolvidas na manipulação de diversos materiais, quando adequadas à faixa etária da criança, estará fazendo com esta se desenvolva física e cognitivamente em busca de soluções e alternativas para a participação correta neste momento.

Além dos pontos levantados até aqui, convém ressaltar ainda que para que o brinquedo seja de fato significativo para a ocorrência da real aprendizagem, este deve ir de encontro à realidade da criança.

No ato de brincar, a inteligência está sendo estimulada freqüentemente, pois para desenvolver esta atividade, ela terá que soltar sua imaginação, desenvolvendo assim, sua criatividade.

Ao perceber que a criança já domina de forma praticamente integral, as regras e as potencialidades do jogo, pode-se propor um aumento gradativo de suas dificuldades, para que as crianças desenvolvam ainda mais seu poder de concentração e atenção.

Outro aspecto de grande relevância no brincar, diz respeito ao desenvolvimento da linguagem, e isto é de grande valia, quando se trata de crianças portadoras de necessidades especiais, uma vez que estas muitas vezes apresentam receios e até mesmo dificuldades pertinentes à sua própria condição física ou cognitiva.

No ato de brincar, a criança desenvolve valores e um grande senso de companheirismo, afinal, jogando, participando, ela aprende a conviver, a respeitar, a entender regras e a obedecê-las da forma correta. Também compreenderá, com o passar do tempo, que o perder e o ganhar fazem parte da situação cotidiana da vida, e com isto, poderá participar de forma ainda mais satisfatória.

No jogo, as regras não são impostas por alguma autoridade superior e sim, pelos participantes deste, que de forma democrática e de igualdade de oportunidades, irão aprender a estabelecer regras conjuntamente e, a obedecê-las de forma satisfatória.

Quando existe a possibilidade de dramatizações, é possibilitado ainda mais o desenvolvimento da linguagem, uma vez que, durante este tipo de atividade, a criança interpreta diferentes personagens e assim, sua compreensão sobre o universo humano vai se alargando à medida em que participa ainda mais deste tipo de jogo. Isto vêm de encontro com o que ROSA e NISIO (2001, P. 41) afirma ao dizer que

Como benefício social, a criança, através do lúdico representa situações que simbolizam uma realidade que ainda não pode alcançar; através dos jogos simbólicos se explica o real e o eu. Por exemplo, brincar de boneca representa uma situação que ainda vai viver desenvolvendo um instinto natural.

Com o desenvolvimento de jogos propícios, haverá maior troca e interação nas relações cognitivas e afetivas, amadurecendo assim, emocionalmente e, conseqüentemente haverá a construção da sociabilidade infantil.

De forma ainda mais especial nos jogos em grupos, a interação acontece mais facilmente, pois é estimulada a todo o momento pela necessidade que os indivíduos do grupo tem de alcançar algumas metas propostas. Uma forma de o professor atingir resultados ainda mais positivos refere-se a troca constante dos indivíduos de cada grupo.

## CAPÍTULO V - O LÚDICO

### 5.1 Revisão histórica

Há tempos existe a necessidade do homem se divertir, usando ou não, algum recurso material.

Afonso X, que reinou de 1.252 a 1.284, escreveu o “Livro de jogos”, cujo objetivo era tornar conhecidos os mais notáveis e fascinantes jogos que o homem inventou em épocas diferentes, desde os jogos tradicionais dos esquimós e de tribos africanas, até jogos com os quais milhões de pessoas se divertem no mundo inteiro atualmente, predominando a eternidade do espírito lúdico.

Constatou-se que o jogo e os brinquedos são um patrimônio cultural de toda a humanidade, sem fronteiras culturais ou políticas.

Os jogos por terem pontos comuns, são considerados como uma criação coletiva dos homens em épocas diferentes. Na sua origem, ligavam-se intimamente a práticas religiosas. Hoje, muitos jogos que são simples divertimento infantil, são reminiscências de rituais mágicos e religiosos, tão antigos quanto à presença humana na Terra. A amarelinha, por exemplo, que é uma brincadeira tradicional infantil no mundo, relaciona-se aos mitos antigos dos labirintos e jornadas que faziam espíritos da terra ao céu após a morte.

Jogos e brinquedos sempre foram instrumentos de ensino-aprendizagem, utilizados também como linguagem para a transmissão das conquistas da sociedade pois ao ensinar um jogo, as pessoas transmitem informações que foram o patrimônio cultural. Antes de existir a didática, os jogos já eram educativos. Eles podem ser considerados mostradores da sociedade e da cultura, pois muitos jogos representam os principais aspectos de uma sociedade.

Os jogos e brinquedos não são apenas manifestações da vida social de um povo, são mais vivos e dinâmicos, nasceram com o homem e acompanhá-lo sempre, mesmo com as transformações de vida que ocorreram. Transformam-se não apenas em uma conquista, mas em uma preocupação para torná-los mais ricos e criativos, pois uma das principais bases da civilização é a razão do desenvolvimento do corpo, da inteligência e da atividade.

## 5.2 O brincar e o brinquedo

O brincar deve ser sempre o principal meio de integração entre as crianças, na fase da alfabetização e o aprendizado, garantindo assim, um ambiente prazeroso e adequado.

O brincar estabelece rotina, regras, ritmo de atividades, interação social, motivação e prazer, assim, o brincar de forma estruturada, é possível em todas as idades, sendo uma forma segura de promover diferentes possibilidades de aprendizagem.

Os brinquedos são por natureza, instrumentos para o brincar e para o aprender, e, não devem necessariamente ser produtos comercializados. A UNICEF vêm incentivando gradativamente, que todas as culturas estimulem o uso de brinquedos confeccionados pela própria comunidade, como forma de preservar e incentivar a cultura local, por meio da valorização da criatividade dos educadores no aproveitamento dos seus próprios recursos ao construir objetos com o intuito de educar e divertir.

Há que se ter um cuidado especial na criação dos brinquedos no que diz respeito a sua segurança, ou seja, se oferecem segurança àqueles que os irão utilizar. Estes cuidados envolvem questões como: perfeito acabamento, sem pontas ou farpas, não devem ser pintados com tintas que contenham chumbo, e não devem desmanchar com facilidade, com riscos de causarem lesões ou então, partindo-se em pequenos pedaços que podem, ser engolidos facilmente, obstruindo assim, as vias respiratórias da criança.

Os brinquedos devem se adequar ao nível de desenvolvimento da criança e, ao serem confeccionados, esta confecção deve ser realizada de forma relacionada à sua função principal, ou seja, educativo, ou como recurso pedagógico. Por exemplo, blocos de madeira, feitos na medida correta, podem ser usados para encaixe, construção, contagem, classificação, entre outros.

O momento ideal para explorar o lúdico é quando a criança está realmente desperta e envolvida no ato de brincar, pois isso facilitará o aprendizado por meio da brincadeira.

Isto se relaciona intrinsecamente às fases do desenvolvimento infantil, citadas anteriormente.

A função do brincar na infância têm fundamental importância, tanto quanto, comer, dormir e falar. É por intermédio desta atividade lúdica que ela explora e desenvolve seu sistema emocional, psíquico e cognitivo. Com isto há a constante elaboração e reelaboração de sua existência.

O brincar desenvolve a imaginação e favorece a atividade motora, criando cumplicidade entre os que brincam, independentemente de seus graus de habilidades/capacidades e das necessidades educacionais especiais. O brincar é de grande valia para que haja o desenvolvimento pleno do potencial infantil.

O lúdico proporciona, a motricidade, a atenção, a memória, o raciocínio, a criatividade, a aprendizagem, a ansiedade, a organização espacial, a coordenação motora, o esquema corporal, etc.

Brincar tem grande importância porque, além de estimular o aprendizado, também é bom, traz felicidade e favorece uma real integração social, o que fará com que a criança saiba, desde pequena a partilhar e a respeitar o próximo.

O desafio implícito no lúdico provoca o funcionamento do pensamento e leva à criança a alcançar níveis de desempenho que só as ações, por motivação intrínseca, conseguem. Brincando, a criança aprende com toda a riqueza do aprender fazendo, sem o medo do erro se não houver o resultado esperado.

### **5.3 A função pedagógica do brinquedo**

No decorrer do seu desenvolvimento, a criança deve aprender a identificar a realidade e ultrapassar seus impulsos instintivos. Neste jogo de forças, o brinquedo apresenta-se como objeto de fundamental importância, e os adultos devem reconhecê-la para compreender seu real e inestimável valor no desenvolvimento da criança.

O jogo é a expressão da cultura, pois traz consigo todas as características de determinada cultura inserida na sociedade. Lentamente os jogos e as brincadeiras possibilitam à criança, a nova experiência de buscar lógica e coerência em suas ações. Ela passa a explicitar seus sentimentos em relação ao que está acontecendo, não somente para que os outros possam compreendê-la, mas, sobretudo, para que continuem a brincar com ela.

Por meio do brinquedo, a criança inicia de fato, sua integração social, pois a partir daí, é que ela aprenderá a conviver com os outros, a sentir-se parte do meio.

Brincando, a criança desenvolve, entre outros, seu lado emocional e afetivo, assim como algumas áreas do domínio cognitivo.

O brinquedo possui diversas características que lhe são totalmente peculiares, principalmente o de ser um objeto portador de significados, pois remete elementos do real ao imaginário da criança. Assim sendo, o brinquedo é dotado de um valor cultural, pois como é rico em significados, este representam determinada cultura e sociedade. A criança que manipula um brinquedo tem em suas mãos, algo a decodificar. A brincadeira pode ser considerada até, como uma forma de interpretação dos significados contidos no brinquedo.

### **5.3.1 Construindo o conhecimento por meio da brincadeira**

O educador sabe, ao menos em tese, que não pode simplesmente “colocar” o conhecimento na cabeça do educando, que, ao invés disto, necessita agir como mediador da aprendizagem, visando com isto, segundo Moran in MORAN, MASETTO, BEHRENS ( 2001, p.75).

- Provocar o educando, colocando-o em constante desafio frente a diferentes situações – problemas, ligadas ao seu cotidiano.
- Dispor de diferentes elementos, tais como diferentes informações a fim de dar condições para que os educandos tenham acesso a novos elementos, elaborando assim diferentes respostas a uma única situação que lhes seja apresentada;
- Interagir no processo, ou seja, estar junto aos educandos nos mais diversos momentos, estabelecendo junto aos mesmos, diferentes situações, onde serão apresentadas até mesmo, contradições a fim de que os educandos estabeleçam relações e reconstruções de suas opiniões e argumentos.

Sabe-se que conhecer implica em compreender todas as dimensões da realidade, integrando todos os pontos possíveis, a fim de reuni-los num único dado, denominado conhecimento.

Para chegarmos a este conhecimento é necessário processar inúmeras informações, e para tal feito, faz-se necessário o pensar, raciocinar, organizar dados e levantar os mais importantes e fundamentais em determinado momento e, com a

ajuda do lúdico, ou seja, do brinquedo e do jogo, isto se dará de forma ainda mais satisfatória e concreta no desenvolvimento da criança.

Quando falamos em construção do conhecimento pelo indivíduo, a escola tem papel fundamental, pois se trabalhar da forma correta, ajudará o educando a desenvolver tanto o conhecimento de resposta imediata como o de longo prazo; tanto o que está ligado a múltiplos estímulos sensoriais como o que caminha em ritmos mais lentos, que exige pesquisa mais detalhada tem de passar por decantação, revisão, reformulação. Muitos dados, muitas informações não significam necessariamente mais e melhor conhecimento. O conhecimento torna-se produtivo se o integramos em uma visão ética pessoal, transformando-o em sabedoria, em saber pensar para agir melhor. (MORAN IN, MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2001, p. 22)

Quando se fala em conhecimento, há uma questão muito importante e diretamente relacionada, que é a aprendizagem, uma vez que se não houver o real aprendido, a construção do conhecimento será impossível, pois ao aprender, é que estará sendo adquirido o conhecimento, neste momento, as funções do jogo e do brinquedo tornam-se indissociáveis, uma vez que as brincadeiras para as crianças trazem grande benefício intelectual, pois contribui para a desinibição, produzindo assim, uma forte atividade mental.

Pode-se ainda afirmar que as brincadeiras tornam os conteúdos trabalhados em sala, de modo exaustivo, em atividades muito mais interessantes, fazendo com que assim, com que haja melhor compreensão, e de fato, a real construção do conhecimento.

E, neste momento, um dos grandes, se não o maior dos desafios colocados ao educador, é o de ajudar seus educandos a transformar informações significativas, a escolher estas informações, compreendê-las, analisá-las, depurá-las e torná-las parte de seu referencial.

Sabe-se que o melhor aprendizado ocorre quando há a vivência de determinada situação, situação esta, que interesse aos educandos, que seja de real valor aos mesmos, pois quando relacionamos, estabelecemos certos vínculos entre o que estava disperso, integrando num novo contexto, haverá para tal, um novo significado, um novo sentido.

Desta forma,

O construtivismo reconhece o diálogo existente entre o indivíduo e o meio, ou seja, o contextualismo. Para Piaget o homem está sujeito às influências sociais e culturais que fazem parte deste meio, de forma que o conhecimento não possa ser desenvolvido sem sofrer as inferências do meio em que vive. (MORAES, 1997, p. 94).

Ainda para MORAES (1997, p. 200):

O construtivismo parte do pressuposto que o centro de aprendizagem está no educando e não na figura do professor. A aprendizagem é uma construção. Pensar é o resultado dessa construção, da ação sobre o objeto, de sua transformação, tendo como ponto principal o próprio indivíduo, o educando, sujeito ativo em processo permanente de construção. Uma proposta construtivista valoriza o próprio processo. Resulta da interação entre o mundo do sujeito e o mundo do objeto, ativado pelas ações do sujeito.

Assim,

A aprendizagem do aluno só ocorre à medida que ele age sobre os conteúdos específicos e tem suas próprias estruturas previamente construídas ou em construção. Altera-se assim, a postura do professor que, além de ensinar também irá aprender, e a postura do aluno também altera, pois além de aprender também ensina, havendo assim uma interação entre educador-educador. (MORAES, 1997, p. 204)

Desta forma pode-se concordar com STAREPRAVO (1997, p. 32) quando afirma que

quando trabalhamos a partir das curiosidades e interesses das próprias crianças partimos de suas explicações, de suas vivências para então construir o conhecimento científico como uma modificação das idéias iniciais das crianças, e não como imposição de verdades inquestionáveis.

Assim, a aprendizagem ocorre quando se estabelece relação significativa entre informações que estão à disposição, quando realmente há a interação com os outros e com o mundo, e depois, interioriza-se, fazendo com isto, reflexões e análises que permitirão, construir conhecimentos significativos por meio da reelaboração pessoal, principalmente quando esta ocorre a partir do interesse demonstrado por atividades que iniciaram com o auxílio do jogo e do brinquedo.

Desta forma, pode-se concordar ainda com MORAN IN MORAN, MASETTO, BEHRENS, (2001, p. 29) quando diz que:

Conseguimos compreender melhor o mundo e os outros, equilibrando os processos de interação e de interiorização. Pela interação entramos em contato com tudo o que nos rodeia; captamos as mensagens, revelamo-nos e ampliamos a percepção externa. Mas a compreensão só se completa com a interiorização, com o processo de síntese pessoal, de reelaboração de tudo o que captamos por meio da interação.

Para que esta aprendizagem, realmente significativa se concretize, é necessário que o educador tenha em mente que é preciso equilibrar o planejamento e criatividade, organização e adaptação, fator este indispensável, uma vez que ao se trabalhar, utilizando como recurso pedagógico o jogo e o brinquedo, várias serão as interferências que ocorrerão durante todo o processo, pois neste momento, serão dadas aos educandos, diversas e variadas oportunidades de se expressarem e demonstrarem seu interesse.

Ensinar e aprender, no contexto atual exige maior flexibilidade entre todos os aspectos inerentes ao processo educacional, menos conteúdos fixos pela forma curricular tradicional, e processos mais abertos ao lúdico, ao prático, ao que levante um real interesse por parte do educando, pois sabe-se que a partir deste diferencial haverá uma melhor e mais rápida compreensão do que se pretende trabalhar com a criança.

Sabe-se que haverá maiores e mais significativos avanços pedagógicos na medida em que o trabalho esteja voltado à uma educação positiva e não mais, repressiva "... não começar pelos problemas, pelos erros, pelo negativo, pelos limites. E sim pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na capacidade que os educandos tem de aprender e mudar constantemente." (MORAN IN MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2001, p. 30)

Há então, um desafio muito grande a ser enfrentado e superado, onde o educador deve mudar o eixo do ensinar para direcionar seu trabalho ao aprender, uma vez que neste momento os alunos passam a ser descobridores, transformadores e produtores do conhecimento. A qualidade e a relevância da produção dependem também dos talentos individuais dos alunos que passam a ser considerados como portadores de inteligências múltiplas. Inteligências que vão além das lingüísticas e do raciocínio matemáticos que a escola vem oferecendo. Como parceiros, professores e alunos desencadeiam um processo de aprendizagem para buscar a produção do conhecimento. (BEHRENS IN MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2001, p.75).

#### **5.4 Brinquedo funcional ou experimental**

No primeiro ano de vida, a criança brinca, inicialmente, com seus próprios membros, fazendo inúmeros movimentos com as pernas, os braços e os dedos; balbucia; agarra e agita alguns objetos, mostrando com isto, grande prazer nos brinquedos denominados “motores”. Segundo Piaget, este tipo de interesse se atribui à auto-imitação: o bebê imita a si mesmo, muitas vezes repetindo um movimento casual ou um reflexo que acaba de fazer. Olhar a luz e as cores, escutar os sons e as canções de ninar, apalpar os objetos, sentir sua textura entre outros acontecimentos, são compreendidos então, como brinquedos sensoriais para a criança.

#### **5.5 Brinquedo de ficção, de ilusão ou simbólicos**

Estes brinquedos aparecem na segunda metade do segundo ano da criança e persistem até seus anos pré-escolares, por volta dos quatro anos.

Entre as variadas modalidades de brinquedos de ficção, é comum a criança fazer de conta que está dirigindo um carro ou uma moto, ao também atribuir vida aos objetos inanimados. Essa característica do pensamento infantil é chamada de animismo (do latim – alma). Para a criança pequena, sua boneca, seu ursinho e demais brinquedos sentem e pensam da mesma forma que o ser humano.

#### **5.6 Brinquedos de representação de papéis e de construção**

Após o terceiro ano de vida da criança, até por volta do sexto ano, ela começa a mostrar outros interesses, imitando atividades que vivencia ou das quais toma conhecimento através de livros, ou outros meios de comunicação. Assim, ela brinca de motorista d ônibus, de carteiro, de médico, professor ou cozinheiro.

Neste período ainda, há um particular interesse pelo brinquedo de construção: a caixa de bloquinhos de madeira, pedras, papéis, plantas, entre outros, são materiais importantíssimos para isto.

Diversas vezes, os mesmos materiais servem aos dois tipos de brinquedos: o menino, misturando areia e água, mota um castelo. Já a menina, representando sua mãe, faz uma mistura com estes mesmos materiais e os oferece aos seus amigos,

brincando de casinha. Muitas vezes, os brinquedos de construção, são acompanhados de uma forma de competição: o meu é mais alto, é mais bonito, é maior, etc.

### **5.7 Brinquedos com outros e com regras**

Na idade escolar, ou seja, entre o sexto e o décimo ano de vida, a criança, é capaz de brincar em grupo, pois já está apta a obedecer regras e a esperar por sua vez.

Anteriormente à esta idade, ela já brincou paralelamente com outra criança, ou em grupos de no máximo três crianças, mas não participou ainda de jogos sujeitos a regras, pois, embora possa perceber-las, mostra-se incapaz de submeter-se a elas. De fato, nessa idade a criança está ainda no estágio egocêntrico, no qual ela joga livremente, a seu modo.

Já na fase escolar, forma-se grupos de idade aproximada que selecionam por sexo, pois meninas e meninos já não se interessam pelos mesmos jogos e brinquedos; os meninos agrupam-se para jogos movimentados; as meninas para outros mais sedentários, como casinha ou escolinha.

O grupo de brinquedo é comandado sempre por um líder, em geral escolhido de acordo com suas capacidades e aptidões que demonstra: o maior, o mais corajoso, o que sabe maior número de jogos ou ainda, o dono do brinquedo.

Há brinquedos ainda, em que a criança deve ser capaz de inibir-se: não poder falar, rir ou mover-se, como na estátua.

Jean Piaget observou que a criança tende a superestimar o valor e a importância das regras aplicadas a certos jogos. Para a criança pequena, as regras são sagradas, não podem ser mudadas sob nenhum pretexto e foram impostas por alguma autoridade à quais todos têm que obedecer. Mesmo assim, ela não consegue jogar com crianças maiores; só quando atingir a idade escolar ela estará apta a realizar tal feito. Por meio da imitação e da interação com os colegas, a criança vai atingir um estágio mais elevado de compreensão: perceberá que as regras existem porque todos concordavam a respeito delas que elas poderão ser mudadas se todos concordarem com as mudanças.

## CAPÍTULO VI - O LÚDICO FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A alfabetização é um processo cognitivo muito complexo e propicia ao aluno sua inserção no mundo letrado, no mundo da escrita.

Para que a alfabetização ocorra de modo satisfatório, principalmente nas crianças portadoras de necessidade educacionais especiais, incluindo aqui as dificuldades de aprendizagem, o lúdico tem papel de extrema importância, uma vez que permite que sejam desenvolvidos vários aspectos, como social, artístico, técnico e intelectual, entre outros. O lúdico faz com que a construção do conhecimento ocorra de forma ainda mais interessante e prazerosa, neste aspecto pode-se concordar com FREIRE (1994, p. 15) quando diz que "Alfabetizar é adquirir a língua escrita através de um processo de construção de conhecimento com uma visão crítica da realidade valorizando sempre o lúdico."

É certo que, quando a criança aprende de forma prazerosa, com uma relação agradável entre professor e aluno, há uma verdadeira construção do conhecimento.

Outro aspecto de grande relevância diz respeito ao fato do contexto sócio cultural no qual a criança está inserida, afinal, neste contexto estão presentes todo um universo de situações que levam a criança a leitura e à escrita realmente significativas. Isso indica que a convivência com textos escritos, leva a criança a demonstrar maior empenho e dedicação ao aprendizado.

Para Vygotsky, a criança aprende e elabora níveis mais complexos de desenvolvimento, por meio das brincadeiras. E é na Zona de Desenvolvimento Proximal, construída pela brincadeira que o professor poderá e deverá intervir e atuar como mediador para que seja possível a construção de novas e subsequentes aprendizagens.

Isso deixa claro que o brincar pode ser entendido acima de tudo, como uma atividade propulsora do desenvolvimento humano e que o adulto, neste momento deve ser, acima de tudo, mediador entre a criança e o jogo.

Vygotsky deixa claro que o ser humano é um ser social que se desenvolve no interior de um grupo do qual faz parte e no qual recebe constantes estímulos, internalizando assim, os conhecimentos. Ele entende que o desenvolvimento do ser humano é fruto das influências das experiências do indivíduo, "mas cada um dá um significado particular a essas vivências. O jeito de cada um aprender o mundo é individual", explica REGO (2001, p. 25)

Cada criança apresenta um ritmo próprio de aprendizagem, isso quer dizer que uns aprendem mais rápido enquanto outros têm certas limitações e necessitam de maiores interferências do professor e de outras pessoas envolvidas no seu desenvolvimento. Esta interferência, quando ocasionada por meio de atividades lúdicas, favorece o processo de aprendizagem, do qual a uma resposta realmente positiva.

Por haver a necessidade desta intervenção, é que Vygotsky afirma que “aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã. (REGO, 1985, p. 98).

Quando há a aproximação da criança com o lúdico, como o intuito da aprendizagem, é necessário que o professor possibilite de fato, um real aprendizado, que servirá para que as crianças compreendam e transformem suas realidades.

As crianças, quer trabalhando, quer brincando, sabem o que fazem, não se intimidam diante de algo novo, aprendem a se virar, tomando iniciativa de participar, aprendem a manusear ferramentas, jogos ou objetos com precisão necessária para conseguir o que pretendem. Tem senso de proporção, de direção, tem a noção de tempo e velocidade, sempre em função de alguma atividade que quer realizar. Para conseguir isso não é preciso treinamento de prontidão, nem orientação pedagógica: Basta deixar a criança agir, atuar sobre os objetos. (CAGLIARI, 2000, p. 20)

E é agindo sobre os objetos, interagindo, que o aprendizado se torna significativo, e quando isto é realizado com os alunos que apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, este aprendizado é ainda mais valorizado.

O professor alfabetizador que acreditar no potencial dos seus alunos deverá investir de modo pleno nas capacidades que estes apresentarem, pois, se isto for realizado da forma correta, seus alunos se sentirão mais motivados e seguros, o que lhes renderá bons frutos em relação à aprendizagem.

O professor, enquanto mediador do processo de aprendizagem deverá desafiar seus alunos constantemente na busca da leitura e escrita, pois, sem a devida motivação, estas ações passam a ser puramente mecânicas, sem a real intenção de ser.

O fundamental durante todo este processo é perceber o aluno em todos os aspectos que lhe são pertinentes, em todas as suas especificidades, e, se necessário, quais são as áreas em que apresenta maiores dificuldades e maiores necessidades de apoio.

Para dar reais condições de aprendizado aos alunos, o professor deve ofertar-lhe um rico e variado material, além de criar locais onde, em seu próprio ritmo de trabalho, a criança poderá escolher livremente o que quer fazer. Neste caso, temos como exemplo, os cantinhos da música, da literatura, da história entre outros.

O uso do material deverá estar adequado às necessidades e singularidade apresentadas pelo aluno. Isto inclui a observação das crianças portadoras de necessidades especiais, como por exemplo, crianças com problemas motores necessitam de materiais voltados para suas necessidade, que as auxilia em suas atividades pedagógicas: cadeiras de roda adaptadas, materiais específicos para a escrita, etc. Principalmente com crianças portadoras de lesões cerebrais, que não falam, mas que apresentam altos níveis de compreensão (paraplégicos, quadriplégicos, etc.), é necessário estar atento aos sinais físicos que elas demonstram, pois certamente estão tentando dizer alguma coisa através deste sinal.

Desta forma, é possível reafirmar a importância do lúdico no desenvolvimento da aprendizagem, principalmente quando se trata de crianças que demonstram alguma dificuldade de aprendizado, e, em relação a isto, é possível concordar com VYGOTSKY (1989, p. 109) que afirma que "é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos".

Assim, é preciso que o professor contemple a brincadeira, o lúdico, como princípio norteador de seu trabalho, das atividades pedagógicas, possibilitando desta forma, uma aprendizagem motivadora, interessante e de real significado á criança.

## CAPÍTULO VII - EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

De acordo com CARVALHO (1997), o termo inclusão tem o significado da não segregação, o que requer dinamismo, mudanças de atitudes e muitas reflexões em torno de sua operacionalização na escola e na sociedade. Assim, a escola inclusiva deve ser aquela que esta aberta a todos, e que os reconhece como indivíduos com potencialidades e capacidades de aprendizado individuais, atendendo de forma específica cada um deles dentro de suas limitações e particularidades, para que, desta forma, a escola seja compreendida enquanto instituição de porte emancipatório em relação às funções educativas que lhe são pertinentes.

Tendo em vista a elevada importância da inclusão do sistema educacional, muitos professores, coordenadores e diretores tem mostrado real interesse em operacionalizar de forma concreta esta ação, conforme SASSAKI (1997,p.14)

...muitos países já adotaram a abordagem inclusiva em suas escolas e o Brasil já começou a buscar o seu caminho, mesmo com pouca ajuda técnica e financeira. Porém com grande determinação por parte dos diretores, professores e pais, assim como alguns secretários estaduais e municipais de educação.

Com esta preocupação, sabe que a escola regular, que outrora atendia apenas os alunos, denominados "normais", precisa adaptar-se as novas condições que lhe são impostas, deixando de ser um espaço meramente burocrático, para transformar-se num espaço acolhedor e de decisões próprias, para que possa ajustar as novas necessidades que lhe são impostas pelas novas condições.

Neste sentido, a escola hoje, deve ser vista como um espaço para todos, onde atenda as especificidades apresentadas por cada um de seus alunos, Segundo MAZZOTTA (1999), desde o final da década de cinquenta e início dos anos sessenta, vem ocorrendo na Política Educacional Brasileira, a integração da "educação de deficientes", da "educação de excepcionais", e da "educação especial".

Porém, há que se deixar claro que num período anterior a este, ou seja, ainda nos anos da regência Imperial no Brasil, já haviam ações isoladas voltadas aos portadores de necessidades especiais, tais como a fundação, no Rio de Janeiro, do Instituto de Meninos Cegos, sob a influência direta do Instituto Nacional de Jovens Cegos de Paris. Também no Rio de Janeiro, D. Pedro II fundou o Imperial Instituto

dos Surdos Mudo. Ainda por mãos do Imperador, foi realizado o 1º Congresso de Instrução Pública, sendo que um dos principais temas abordado foi “Sugestões de Currículos e Formação de Professores para cegos e surdos”.

Estas e outras iniciativas de apoio aos portadores de necessidades especiais que ocorreram ao longo da história, mostram que, apesar de, talvez despreparados, ou ainda, como poucas informações a respeito das reais necessidades destas pessoas, houve um forte intuito de fazer com elas estivessem adequadas à sociedade de alguma forma, e hoje, com a continuação destes esforços, encontramos a inclusão, que vêm de encontro com as necessidades apresentadas pelos portadores de algum transtorno ou patologia em relação ao seu desenvolvimento físico ou cognitivo.

### **7.1 O processo de inclusão**

De acordo com inúmeras tendências que vêm norteando a educação, a proposta da inclusão é um desafio a ser superado e uma meta a ser perseguida por todos aqueles realmente comprometidos e de fato, envolvidos com uma escola democrática e de qualidade para todos, no entanto, sua viabilidade e aplicação concreta depende diretamente de um amplo processo de aceitação por parte das pessoas envolvidas no trabalho direto com os portadores de necessidades especiais e de seus direitos à cidadania em todos as questões que lhe são pertinentes.

SASSAKI(1997, p. 3) define como inclusão

O processo pelo qual a sociedade adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui então um processo bilateral no qual as pessoas ainda exclusivas e a sociedade buscam em parceria equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

A instituição escolar inclusiva tem se apresentado como espaço social privilegiado para a ocorrência da aprendizagem conjunta, da troca, da interação, uma vez que há reais possibilidades de intervenção no processo de aprendizagem de todos os que estão em sala, “ditos especiais ou não”, além é claro, de ocorrer um aprendizado muito significativo também por parte do professor. Este aprendizado vai além das questões meramente pedagógicas, diz respeito, sobretudo à aceitação do

diferente, do respeito pelo outro, do olhar de aprovação, da cooperação e sociabilidade.

Muitos estudiosos sobre o processo de inclusão, apresentam discursos que vêm de encontro com o conceito descrito pela Declaração de Salamanca de 1994, que defende a escola inclusiva, como momento privilegiado de adaptar as escolas comuns para atender especialmente aqueles que apresentam necessidades especiais.

O movimento inclusivo tem como objetivo a construção de uma sociedade para todos, sob alguns princípios como:

- A celebração das diferenças;
- O direito de pertencer;
- A valorização da diversidade humana;
- A contribuição entre as pessoas;
- O aprendizado cooperativo
- A solidariedade;
- A igualdade e cidadania com qualidade de vida.

Para que haja a real concretização do processo inclusivo, várias questões pedagógicas necessitam ser repensadas e voltadas a realidades que esta nova condição exige, como: adaptações curriculares significativas, participações efetivas dos familiares dos alunos (especiais e não-especiais), organização do espaço-tempo, mobiliário adequado e recursos pedagógicos que se mostrem aptos e facilitadores do aprendizado.

Estas adaptações devem acontecer de acordo com as necessidades que o aluno de inclusão apresentar, nunca justificando a queda na qualidade de ensino. Além de mudanças no âmbito metodológico, estas também devem acontecer com o próprio professor, que deve estar sempre em busca de seu próprio aprimoramento profissional em relação às competências que este novo desafio lhe exige.

Estas adaptações e melhorias no âmbito educacional devem ser colocadas em pauta nas discussões de todo o corpo docente, tendo em vista que, se estas vierem em consenso, ou seja, se todos estiverem caminhando com um mesmo objetivo a cumprir, mais fácil será atingir novos avanços educativos, isto fica evidente em CORREIA (1997, p. 136)

Não é possível dar resposta a complexidade e diversidade das necessidades específicas desses alunos sem que as escolas sejam dotadas com os recursos, os meio materiais e

didáticos, os professores auxiliares da ação educativa, a organização escolar e a adaptação e diversificação do currículo que as diferentes situações concretas determinem ou aconselhem. Mas as respostas educativas que venham a ser discutidas e implementadas deverão partir do currículo comum da escola regular e das necessidades educativas específicas do aluno, realizando-se em seguida as adaptações e lançando mão dos recursos e dos serviços que se revelem necessários.

Porém, de nada adianta que estas mudanças sejam apenas estruturais, ou seja, que apenas a escola esteja envolvida neste processo, é preciso também que toda a sociedade (compreendida enquanto governo) se abra a este novo paradigma e assumam seu papel diante deste compromisso.

Felizmente com o passar do tempo, mais pessoas têm a real noção do que é um portador de necessidades especiais, e de seus direitos e deveres na vida em sociedade e, isto vêm de encontro à inclusão, que possibilita que este portador, tenha um qualidade de vida mais digna, pois este poderá partilhar de experiências até então exclusivas aos denominados "normais".

Entende-se que para que realmente aconteça esta inclusão de maneira satisfatória, não basta que existam promulgações de decretos ou leis para que as escolas passem a ser inclusas, mas há a eminente necessidade do modelo de educação ser transformado, revisto, para que possa lidar com as diversidades que lhe serão apresentadas, neste momento, haverá a possibilidade de se reinventar a escola e seu real papel enquanto difusora de informações e locus da construção do conhecimento.

Essas mudanças de atitudes e conceitos são parte intrínseca de uma reforma do ensino necessária para melhorar sua qualidade e relevância e de um maior e melhor aproveitamento escolar por parte de todos os alunos.

Além de todo investimento feito pelo professor na educação da criança com necessidade educativas diferenciadas, a Declaração de Salamanca (1994, p. 3) deixa claro que

Toda escola deve ter uma comunidade coletivamente responsável pelo êxito ou fracasso do aluno. O corpo docente e não cada professor deverá partilhar a responsabilidade de ensino ministrado a crianças com necessidades especiais. Pais e voluntários deverão ser convidados a participar de uma forma ativa nas atividades na escola. Os professores, todavia desempenham um papel decisivo como gestores do processo educativo, ao dar apoio a crianças com a utilização dos recursos disponíveis tanto na classe como fora dela.

Todos os envolvidos no processo, inclusive os gestores, devem ter adequadas capacitação e autoridade para desempenhar de modo coerente seu

papel diante desta educação, para que possam atender da forma correta as crianças com necessidade educativas especiais, elaborando procedimentos de gestão mais flexíveis, remanejar cursos e capacitações a fim de atender aqueles professores que estão diretamente envolvidos com os alunos em questão, diversificar as opções educativas, facilitar a interação entre as crianças, estabelecer diálogo entre família-escola, entre outros.

## **7.2 A inclusão na Lei**

Na Declaração sobre Educação para Todos (Constituição de 1988), foi colocada em destaque a necessidade um modelo de educação que garantisse a escolarização satisfatória a toda à população infantil, na qual estão inseridas também, as crianças portadoras de necessidades especiais.

Com isto, a adoção de sistemas mais flexíveis e adaptáveis, favorecerá de maneira integral o êxito no ensino e, sobretudo á integração desta criança no convívio da escola regular. Neste aspecto, os programas de estudo devem estar adaptados às necessidades específicas educativas das crianças e não o contrário. O princípio norteador será de dar mesma educação a todas as crianças, com ajuda adicional ao indivíduo com necessidade educativa especial que dela apresentar necessidade.

Isso está contemplado no Art. 208 da Constituição Federal/1988 que diz que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

O mesmo apresenta-se com a mesma redação no Estatuto da Criança e do Adolescente, no CAPÍTULO IV, art, 54, inciso III.

Assim, pode-se observar que a disposição sobre a inclusão da criança portadora de necessidades educacionais especiais têm fundamento e apoio numa Legislação Maior, e como tal, deve ser respeitada e colocada em prática, de modo a proporcionar a esta criança reais condições de aprendizado.

## REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O desenvolvimento científico da humanidade mostrou, notadamente a partir do início deste século, que as diferenças, quer sob o ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, quer sob o ponto de vista físico ou sensorial, não constituem uma fatalidade, nem inabilitam as pessoas para a plenitude de suas realizações pessoais. Cada indivíduo, com personalidade própria e padrões específicos de desempenho, é dotado de um potencial que, convenientemente orientado, pode permitir sua auto-realização.

É propósito da Constituição Brasileira estender a todos a oportunidade de acesso à educação, configurada como opção social eminente democrática. Encontra-se também, a preferência do ensino para pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. Mas para isso é importante que haja um preparo e, se caso não ocorrer, o professor deve ir a busca deste conhecimento, pois todos os alunos deverão usufruir a mesma condição de ensino.

Assim, ao concluir este trabalho, há a certeza de que, apesar de difícil, e ainda rejeitado por muitos professores da escola regular, o processo de inclusão, seja ela de crianças portadoras de necessidades especiais de nível moderado ou mesmo leve, como dificuldades de aprendizagem, tem grande possibilidade de acontecer desde que haja um empenho e estudo por parte destes professores.

Um trabalho para sanar dificuldades de aprendizagem exige dedicação por parte dos que irão trabalhar diretamente com esta questão, dedicação esta, a partir de muito esforço e desenvoltura, pois é necessário que haja, além de constante pesquisa, o trabalho com as crianças respeitando suas individualidades, sendo que cada criança pode apresentar uma dificuldade diferente, exigindo professores aptos e preparados para trabalhar com elas.

Pode-se afirmar também que, conhecendo a história da inclusão e todo o seu processo no sistema educacional brasileiro, percebe-se que há a eminente necessidade de respeitar a individualidade de cada ser, de cada indivíduo, promovendo com isto, a inclusão e não somente a integração, como vem acontecendo em muitas escolas.

Um dos grandes aliados na alfabetização de crianças portadoras de necessidades educativas especiais é o uso do lúdico como forma de

encaminhamento pedagógico, pois este proporciona á criança um aprendizado mais prazeroso e estimulante.

Em relação ao jogo ainda, principalmente quando se refere à dificuldade de aprendizagem, é possível afirmar que, para que este ocorra de forma realmente satisfatória, a relação entre professor – aluno deve ser a melhor possível, ou seja, quando o estímulo por parte do professor, aceitando seu aluno, com todos os aspectos que lhe são pertinentes, ocorre com afeto e atenção, seu aluno demonstrará maior interesse e, sobretudo, facilidade para assimilar o que lhe é proposto.

**REFERÊNCIAS**

**ARAUJO, C. M. M. Relações interpessoais professor-aluno: uma nova abordagem na compressão das dificuldades de aprendizagem.** Dissertação de Mestrado, Brasília, UnB. 1995;

**BONETI, L.W. Políticas públicas e exclusão social.** In: BONETI, L. W. (org.) **Educação, exclusão e cidadania.** Ijuí: Unijuí, 1999.

**BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998;

**CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Lingüística.** 10. ed. (5. reimpressão), São Paulo: Scipione, 2000.

**CARVALHO, Rosita Edler. Integração : Inclusão e modalidades da educação especial e do desporto/Secretaria de Educação Especial.** 1998

**COLL, César, PALACIOS, Jesus e MARCHESI (Orgs.) Desenvolvimento psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

**CONSTITUIÇÃO, REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.** Brasília, 1998

**CORREIA, Luis de Miranda. Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares.** Col. Educação Especial , v. 1, Porto, São Paulo, 1997

**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA ,** E Linha de ação sobre as necessidades educativas especiais: Salamanca, Espanha,1994.

**ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.** São Paulo. Ed. Atlas, 2000;

**FONSECA, Vítor. Manual De Observação psicomotora: significação psiconeurológica e integrado.** Curitiba: Educa, 1995;

FREIRE, Paulo. **Alfabetização, Leitura do Mundo, Leitura da Palavra.** 2. reimpressão, São Paulo: Paz e Terra, 1994.

MASETTO, M. T., MORAM J. M ., BEHRENS, M., A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2001;

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas.** São Paulo: Cortez, 1999

MORAES, M.C. **O paradigma educacional emergente.** 2ª ed. Campinas, SP; Papirus, 1997;

NISIO, Josiane di. Rosa, Adriana P. **Atividades Lúdicas – Sua importância na alfabetização.** Curitiba: Ed. Juruá, 2001;

REGO, Teresa Cristina. **Aprenda com Eles e Ensine Melhor.** Revista Nova Escola. p. 25, jan e fev./2001.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão : Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro : WVA, 1997 176p.

STAREPRAVO, A. R. **Matemática em tempo de Transformação.** Curitiba: Renascer, 1997;

VIEIRA, L. A. **Projeto de Pesquisas e Monografia. O que é? Como se faz?** Normas da ABNT. 2ª Edição. Curitiba. 2002;

VYGOTSKY, L. 1989. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes.